I.N.R.I
Quero falar de um ente extraordinario
tragico, meigo, mistico, suave,
de um leão que morreu sobre um Calvario.
—e que deixou um testamento de ave.
Historia de Jesus
Gomes Leal

HISTORIA DE JESUS

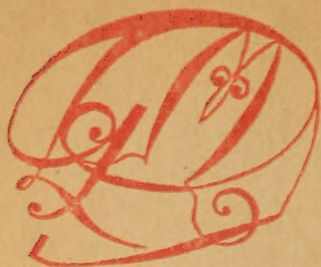
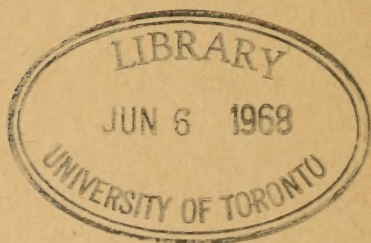
Edição da *Voz da Juventude*, em homenagem ao Poeta, por meio de subscrição entre os catolicos.

GOMES LEAL

HISTORIA DE JESUS

PARA

AS CREANCINHAS LEREM

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
CASA CATOLICA DE ALMEIDA & MIRANDA
133, Rua dos Poiais de S. Bento, 135
LISBOA

Razões e fim desta edição

No seu numero 2 da 2.ª série (em 23 de fevereiro do ano corrente) a *Voz da Juventude* publicava o seguinte artigo, em logar de honra:

«... Gomes Leal não é, para nós, apenas, um grande nome literario: é tambem uma Alma nobilissima, um Caracter austero e indomavel a sugestões perfidas de um meio decadente. Definiu-se, afirmou-se uma Consciencia, seguindo imperturbavel o seu caminho, sem hesitações nem desfalecimentos, quando viu e compreendeu que era chegado o tempo de remediar erros e penitenciar-se de culpas e desvarios de uma mocidade irrequieta e de um espirito revoltado. Á voz sonora e firme dessa Consciencia, ditando-lhe os deveres a cumprir, o Poeta submeteu-se, com jubilo, com enthusiasmo, abafando porventura quaisquer resistencias de tentação ou os derradeiros impetos de um orgulho tei-

moso... Pizou a pés, deliberadamente, risonhosamente, todos os vis respeitos humanos, voltou costas ás ofertas de uns, aos sarcasmos de outros, cerrou ouvidos a insultos e ameaças. Era a adesão plena, absoluta, aos ditames e ás solicitações da Consciencia, desperta para a Vida, para a Verdade, para a Justiça e para a Beleza, e era a homenagem suprema a essa Memoria querida que no seio de Deus o abençoava decerto!...

Gomes Leal entrou na Egreja Catolica, ás claras, de modo solene, para que todos o vissem e todos o soubessem.

Devemos-lhe, não só muita estima, não só o aplauso que estas iniciativas e estes gestos merecem, como tambem o nosso profundo reconhecimento — pela lição que nos deu, pelo exemplo que nos apresenta.

Com as homenagens ao Poeta, as saudações ao Homem.

É um grande português, Gomes Leal. — Uma figura de destaque, pelo seu talento, pela sua obra, purificada agora, pelo seu Caracter, de tempera antiga. *Pertence-nos*; e quem quer que o procure arrancar a nós, ao nosso meio, ao nosso campo, ao nosso exercito, o exercito da Cruz bemdita e civilisadora, verá baldados todos os seus esforços e inuteis todas as suas sugestões. Gomes Leal está nas hostes da Egreja para sempre e de vês!

Mas impõe-se-nos o dever sagrado de olhar pelo Poeta, de lhe provar todo o nosso carinho, todo o nosso apreço, todo o nosso reconhecimento. Apreço á sua obra; reconhecimento pelas suas lições e exemplos, que não podiam ficar perdidos. E' tempo — já o dissémos algures — de repararmos faltas e omissões lamentaveis, cuídando amorosamente dos que são nossos, e não nos mostrando indiferentes ou desamoraveis para com aqueles que nos serviram poderosamente com toda a sua alma, toda a sua vontade, toda a sua dedicação... Cumpramos esse dever, nós, catolicos. Como? Não é para este artigo a resposta. Diremos apenas que os *novos*, num impulso que muito os honra, estão no proposito de tributar a Gomes Leal uma jústissima homenagem nacional. Nesse sentido se trabalha em varios pontos do país. A «Voz da Juventude» contraíu uma grande divida com o Poeta. Procurará salda-la, o melhor que possa e saiba, contando evidentemente com a adesão de todos os seus assinantes e leitores. Que os *novos*, na atestação dos seus sentimentos e aspirações, na compreensão dos seus deveres, no cumprimento da sua missão, ergam bem alto, num pedestal glorioso, este grande português, este grande Poeta, a quem as letras devem paginas admiraveis de lirismo e emoção, e a quem nós, catolicos militantes, ficamos devendo uma das mais consoladoras lições que pode-

riam banhar de inefavel alegria a nossa alma e o nosso espirito!»

Semanas após, em 27 de março (n.º 6) a *Voz da Juventude* inseria novo artigo, lançando a ideia de uma edição da *Historia de Jesus* oferecida e em homenagem ao Poeta bizarro e encantador. Ei-lo:

«Conforme dissémos no nosso penultimo numero a *Voz da Juventude* tomou a resolução de chamar os catolicos portugueses a uma obra de justiça e gratidão, que de ha muito se impõe, apêlo que, ousamos espera-lo, não será feito debalde.

Gomes Leal, o eminente lirico, o prosador original e vibrante, o Poeta hontem ainda adulado de tantos e tantos que o vituperam ou afrontam hoje, por o vêrem estreitamente abraçado á Cruz, não recebeu ainda dos seus irmãos na Fé Catolica aquele testemunho de apreço e simpatia a que tem jus incontestavel pelo exemplo nobilissimo e pela admiravel lição que a todos nos deu. Tempo é de se resgatar uma falta lamentavel e sem justificação: tempo é de se prestar a homenagem calorosa, a que tem direito, ao poeta que, numa epoca de transigencias e deserções, soube e quis altivamente afirmar as suas convicções e proclamar a sua Crença. Não faltava quem estranhasse, e até estigmatisasse,

com razão, o abandono ou indiferença a que se votara Gomes Leal. Era mistér provar que não lhe fecharamos o nosso coração, nem lhe negaramos o entusiasmo, o interesse, o apreço fervoroso, o aplauso rendido que a sua obra e a sua Conversão nos merecem, a todos nós, sem sombra de favor.

Pois bem: cuidemos de resgatar quanto antes a falta.

Mostremos quanto nos foi cara a atitude de Gomes Leal, abrindo o seu nobre espirito ás verdades e às luzes da Fé.

Saibamos ser reconhecidos a quem tão alevantadamente exemplificou a sua sinceridade e o seu desinteresse, abandonando o erro e a treva, e vindo, sem hesitações, nem pusilanimidades, alistar-se no grande exercito da Cruz Bendita.

A *Voz da Juventude* honra-se sobre modo em tomar a iniciativa de uma grande manifestação dos catolicos portugueses em honra de Gomes Leal, *sem quaisquer intuitos reservados*, sem o mais ligeiro espirito partidario, alheio por completo a esta revista e á associação de que ela é orgão. Manifestação sentida e consciente, a atestar a gratidão e o carinho com que amamos a Obra e a pessoa do Poeta.

Se a iniciativa deste movimento de *reparação* e *justiça* nos pertence, certo é que não desejamos exclu-

sivismos, nem avaramente queremos só para nós honras e serviços que, a existirem, devem pertencer a todos os que, com boa-fé igual á nossa, vierem colaborar neste preito ao Mérito e ao Caracter. A todos os catolicos nos dirígimos, sem excepção de um só; a todos os amigos e adversarios de Gomes Leal sinceramente convidamos a tomar parte numa homenagem que, se muito pode comovê-lo, não menos agradavel deve ser a quantos o saibam estimar e ter na devída conta as suas qualídades.

Temos a infinita satisfação de poder afirmar que o Poeta, depois de ouvir as nossas considerações, e sem poder duvidar da nossa boa-fé e da inteireza das nossas aspirações, houve por bem aceder aos nossos rogos, não contrariando os nossos desejos e não pondo portanto qualquer obstaculo á realisação do nosso pensamento.

Assim vamos nós todos trabalhar, e em especial os *novos*, a quem o belo e proficuo exemplo do Poeta tão profundamente aqueceu as esperanças e insuflou alentos, vamos todos trabalhar para que este português ilustre, para que este Poeta egrégio, para que esta Consciencia integra receba dos seus concidadãos a homenagem a que tem direito, e se veja, antes de cerrar os olhos, carinhosamente amado de nós todos, pela sua Obra e pela sua Alma.

Esperamos publicar já no proximo numero o programa desta homenagem, em que decerto colaborarão com o maior interesse e boa-vontade as associações catolicas de propaganda existentes no nosso país, e sobretudo as Juventudes Catolicas, os Centros de Democracia Cristã e as agremiações de senhoras. Mas um numero ha, desse programa, ao qual desde já nos referiremos, e que exige, para o desejado e completo exito, a decidida cooperação de todos. Constitue esse numero do programa a melhor homenagem, porventura, que possa prestar-se a Gomes Leal, e aquela que mais e melhor comprova os nossos sentimentos de estima e de apreço pessoal.

A «Historia de Jesus» em edição popular

Consiste esse numero do programa na *edição popular* da encantadora «Historia de Jesus», *para as criancinhas lêrem*, que o Poeta escreveu em horas felizes e de pura inspiração cristã. Mas essa edição tem de significar, ao mesmo tempo, a homenagem ao mavioso lirico, e o reconhecimento, por parte dos catolicos, das necessidades materiais do ilustre Convertido. De

sorte que a *Historia de Jesus* sairá a publico, em 4.ª edição, por conta não desta ou aquela livraria, mas por conta dos admiradores e confrades de Gomes Leal. Quer dizer: os catolicos quotisam-se, chamam a si as despesas da publicação da *Historia de Jesus*, entregando depois toda a edição ao Poeta admiravel que não terá, assim, de entender-se com quaisquer intermediarios, nem ficará sujeito a quaisquer explorações.

Bizarramente, fidalgamente, Gomes Leal, que pensava em republicar esse seu admiravel poêmeto, ampliando-o com episodios novos, e antecedendo-o de cartas de apreciação de vultos literarios eminentes e de alguns dos nossos ilustres Prelados, dignou-se desistir do seu intento, oferecendo-nos a edição assim da *Historia de Jesus*, que ficará sendo uma verdadeira preciosidade na bibliografia contemporanea, e um documento de áltissimo valor na vida de Gomes Leal, como Poeta e Catolico.

É sob este ponto de vista que chamamos *nacional* á homenagem de que tomamos a iniciativa, por isso que a esta subscrição devem concorrer, e concorrem decerto, todos os que sabem quanto vale e quem é Gomes Leal, todos os que admiram o seu estro, todos os que apreciam o seu Caracter. É uma subscrição aberta entre todos os portuguêses de crenças.

«Mãos á obra, portanto! A redacção da *Voz da*

Juventude chama os catolicos do país a prestar uma homenagem justissima a quem tanto está servindo a Boa Causa, a quem nos deu um soberbo exemplo de abnegação e um raro testemunho de coragem moral. Mãos á obra, e que Deus abençõe os nossos esforços!»

A nossa iniciativa foi, mercê de Deus, devidamente compreendida. Os catolicos ouviram o nosso apêlo, e quizeram testemunhar a Gomes Leal, por uma forma delicada e afectuosa, o seu reconhecimento e o seu apreço. De Lisboa e da provincia vieram donativos para a subscrição. Abriram-se as carteiras de favorecidos da Fortuna, e as bolsas modestas de quem só vive do seu trabalho. Ia enfim cumprir-se um Dever sagrado de solidariedade, gratidão e justiça. A presente edição da *Historia de Jesus* merecerá decerto ao Poeta convertido lagrimas enternecidas: prova-lhe que nem está esquecido, nem em Portugal ainda murchou, de todo, a flôr bendita do Sentimento. A quantos acudiram ao nosso chamamento, e quiseram converter o nosso sonho côr de rosa em realidade de tamanho conforto e desvanecimento, a esses — amigos, admiradores, confrades de Gomes Leal — o nosso comovido agradecimento por esta hora de sagrados jubilos e de abençoadas emoções.

Depondo nas mãos angustas do Poeta, com o nosso

beijo de irmãos, este seu livrinho encantador, um pedido lhe fazemos, muito da alma, fervorosamente cristã e honradamente portuguêsa, que lh'o formúla: reze pela nossa Patria, peça a Deus por nós todos, e pela preservação, pela salvação das gerações de amanhã!

Lisboa, 1913, Dezembro.

A Redacção da «VOZ DA JUVENTUDE»

Prefaciosinho em prosa

E' esta a quarta edição da *Historia de Jesus*, para as criancinhas lerem. Este pequeno livrinho é como um diminuto *bouquet* de lirios e *myósotis*, onde tremelusem lagrimas de prata nos tenrinhos calices. Modesto, virginal e simples, ele é como um trinado matinal de cotovia ao raiar da aurora. Quer do seu conteudo, evangelico e ameno como o Mestre da Palavra suave, quer do seu entrecho mistico, ou original, já dele se teem ocupado benevolamente não só muitos publicistas laicos e cristãos, como tambem veneraveis prelados, que não sómente o teem lido e recomendado, como até o tem mandado adquirir para uso de colegiais e seminaristas.

Mil graças e louvores a todos.

Isto, em quanto á parte essencialmente religiosa e mistica.

Em quanto á outra parte secundaria, isto é á fórma e ao relevo literario, que apesar de ser subalterna, vitalisa todavia sempre com um sôpro perduravel de Ideal toda a obra humana, em quanto a essa, mais abaixo transcreverei a opinião de um Sumo Levita das Letras, um critico assás insuspeito pela sua autoridade, seu criterio, seu caracter, e que é de uma socratica imparcialidade no assunto, visto que as suas idéas racionalistas, assás notórias, diferem muito das minhas.

Ainda aqui o caracter do veneravel critico se manifesta socraticamente impecavel.

Mas agora pergunto-me eu a mim mesmo, e talvez tambem se perguntarão muitos outros, porque é que este tão poetico, inofensivo livrinho, assim tão bafejado e até mesmo amimado maternalmente pela Critica Lusitana, que toda se tem derretido por ele, não foi jámais adoptado pelo douto synhedrio da Instrução Publica para uso das aulas infantis, e até mesmo das de literatura e poetica?

Misterio! cavo, profundo, insondavel Misterio!...

Todavia eu creio poder levantar uma pontasinha do véo da Silenciosa Esfinge.

E' porque eu não me prestei jámais a vagabundear como pretendente, como decerto muitos outros, pelas Pombalinas Arcadas. «E' porque rebeldemente eu não

me prestei jámais a calcurrear, de espinha curvada e em arco de pipa, pelas escadas graniticas dos ministerios publicos. E' porque não penetrei jámais, impetrando favores para o meu livrinho, pelas salas solénes ou os gabinetes atapetados da Instrução Publica. E' finalmente porque não perpetrei jámais, com florida retorica e pessima gramatica, requerimentos a seu favor, em papel seládo.

Não aludo a ninguem. Não pretendo lapidar ninguem.

Mais voilá comme on fabrique l'instruction publique!...

No meio d'esta caótica e monstruosa aluvião de dicionarios, geografias, e gramaticas: no meio deste extraordinario e macábro diluvio de instrutivos, educativos, e supérlativos manuais de Civilidade, manipulados pelo já finado João Felix Pereira, de laureada memoria, todos aprovados e recomendados pelos doutos e os eruditos, só este meu modesto volumesinho não foi jamais por nenhum deles aprovado, recomendado, ou se quer mesmo lembrado...

Paciencia, ó sabios, ó doutos, ó subtis!...

Apesar deste olvido, porém, ia a diser desta nacional ingratidão, afago todavia a verde e consoladora esperança de que este modesto livrinho sobrenadará pelos seculos e os mares em fóra da Civilisação, muito

acima de todos esses milheiros de instrutivos e superlativos manuais de Civilidade de João Felix, onde se ensinam todas as curvas e graves etiquetas palacianas, e até mesmo a maneira gentil de a gente se assoar constipado sim, mas sem incivil barulho.

E isto por que ele leva comsigo um simbolo de imortalidade, o Simbolo do grande Reparador.

Quem é o grande Reparador?...

E' aquele que, como já noutra parte eu disse, abriu os seus labios em parábolas subtis, nas cristas das montanhas e nas cudas dos lagos, a revelar aos homens a doutrina amoravel e perfeita.

E' o que venceu o Osiris do Egito, o Attys da Frigia, o Adonis de Byblos, o Iachus da Grecia, o negro Hrichna da India. E' o órador da palavra piedosa, o loiro reitor da eloquencia suave. Foi a elle que Isaias apelidou *Emanuel*, os Galileus *Rabi*, as profecias *Shiloh*, Athenas o deus *desconhecido*.

Ao seu contacto todas as chagas são saradas e todas as lagrimas enxutas.

Foi ele que soltou o verbo de perdão á filha viciosa do Magdala, que curou a mulher de Kanaan, converteu a Samaritana na cisterna de Sicar, consolou a viuva de Naim, curou o paralitico na fonte do Siloé.

Com a sua doutrina, ele venceu o Manu da India, o Platão de Athenas, o Pitágoras de Samos, Philon de

Alexandria, Sadoc da Judea, a Gamaliel, o subtil reitor de Jerusalem.

Excedeu todos os Praxistas, Formalistas, Idealistas. Vence no templo ou nas praças publicas, discutindo ou arengando, os Fariseus, os Saduceos, os Zelótas. Subrepuja todos os grandes Reitores de Israel que o precederam, o lodor a que viéram preparar o terreno onde deveria cair a semente prodigiosa. Isto mesmo ele o revelou no alto de certa montanha de Genesaré, e numa certa tarde em que o sol descia, e quando as pombas emigravam para Jesusalem.

Todos os outros, antes dele, foram mais ou menos a Lei, a Eloquencia, ou a Poesia. Mas ele foi mais do que tudo isto. Ele foi Palavra Amorosa, a Moral Perfeita, o Sacrificio, o Exemplo. Muitos antes dele souberam decerto prégar, mas ele fez mais do que isto, soube exemplicar e dedicar-se. Ele não soube só amar, soube morrer pelo que amou.

E' sobretudo nisto, em que ninguem tanto o egualou, nem excedeu. Por que ele poude vencer e sobrepujar o maior de todos os outros, antes dele. Ele sobrepujou o grande Cakya-Muni da India, o venerado Budá, o sabio Rajah de Benarés, — que depois da famosa *Noite da Renuncia*—abandonou os seus reinos e tesouros, e foi encerrar-se como um asceta, cavádo, de vigilias, nas asperas solidões de Niaraçàra.

Pois o Grande Reparador fará mais.

Ele não abandonará apenas um microscopico e insignificante principado de Benarés.

Ele não deixará apenas os seus tesouros e outras microscopicas terras encravadas no Indostão, para ir prégar n'uma solidão contemplativa uma doutrina muito humana, é certo, mas ateista, aos seus apostolos indús, numa imobilidade de idolo, e com as mãos poisadas nos calcanhares.

Não. A noite de Renuncia do grande Reparador, do loiro Rabi da Galiléa, será ainda muito mais maravilhosa.

Ele abandonará os seus magnificos céus semeados de estrelas: os seus milhões de sóis inumeros e multicores: os seus loiros Serafins e as musicas harmoniosas das Esféras, de que já falára o velho Pitágaras, para ir sacrificar-se pelo verbo de amor da humanidade, na Judéa, nascendo miseravelmente num desabrigado curral de Nazaré, entre animaes pacificos e familiares — uma vaca e uma jumentinha. Não. Ele fará muito mais. Ele estenderá na hora da morte os seus braços num mal desbastado madeiro do Carmelo ou do Genesaré, entre dois sicarios e malfeitores do Vale de Josafat. E não derramará apenas o seu sangue entre estes dois bandidos, aos quaes será irmanádo. Ele ficará de dia e de noite exposto á chuva

plebeia do cameleiro Siria, do soldado bisonho de Roma, do hipocrita Escriba do Templo, do vendedor de *poska* do Calvário, do burriqueiro da Betania, do reles belfurinho de Jerusalem, e até mesmo do infimo rapinante e assassíno, do *Vale Escandalo*.

O Grande Reparador é pois Jesus, e o seu simbolo bemdito é aquele sinal eternamente celebrado que um dia lobrigou nos ares o Imperador Constantino, á frente das bandeiras despregadas das legiões romanas, e o heroico fundador na nossa nacionalidade, D. Afonso Enriques, quando marchava intrépido a dar batalha a cinco trigueiros *Wallis* mussulmanos.

Tu serás pois tambem, ó simbolo deveras bemdito, ó Simbolo do Grande Reparador, o que eternamente protegerás este meu modesto, e inofensivo, volumesinho tambem por todos os seculos em fóra, e máo grádo toda a malicia ou má vontade possivel dos Racionalistas, dos Doutos, dos Sabios, ou dos Subtis...

E a proposito de doutos racionalistas desejo citar o exemplo invulgar de um dos maiores e mais rectos caracteres, ao qual a Sciencia não envaideceu, nem jamais empanou o alto senso estetico.

Quando o senhor Zuzarte de Mendonça, o nosso preclaro e bem conhecido amigo e socio da Juventude Catolica de Lisboa, que todos nós tanto apreciamos e amamos, se lembrou de faser editar essa nova edição

da *Historia de Jesus*, e me veio tal propor, eu prometi meditar no caso, e resolvi consultar Teofilo Braga, a ver se esteticamente as impressões do Veneravel Esteta ainda eram literariamente favoraveis ao poetico livrinho.

O dr. Teofilo Braga respondeu-me assim:

«Meu velho amigo Gomes Leal

Eu sou sempre o admirador da sua suprema organisação de poeta, e sempre abalado pela emotividade que sintila na sua obra.

Aprecio muito a sua carta, e o convite para dizer duas palavras sobre as deliciosas estrofes da Historia de Jesus, cuja impressão desde 1883 ainda se não apagou do meu espirito.

Por esta carta vejo que *tambem, atravez dos acidentes da vida, eu não decai ainda da confiança moral com que sempre me honrou.*

Quando vejo o Cabotinismo patrio triunfante ponho os olhos na grandesa do seu éstro para me consolar.

Seu etc.,
Teofilo Braga

Bem! exclamei eu então, depois de ler comovido a

carta do Venerando Esteta, Theofilo Braga é insuspeito na materia, e vê-se bem que a minha obrasinha singela ainda mantêm no seu espirito recto a mesma linha, inquebrantavel armonia e puresa.

Vai pois — exclamei eu — obrasinha singela e inofensiva, pequenina aza branca viajante e virginal! Vai, aláda mensageira de Jesus, que és como a andorinha madrugadora, ou como a cotovia matutina que sonorisa, trinando, as brisas da madrugada triunfal! Vai, obrasinha simples e singela, tambem trinar, cantar, comover, consolar todos os pequeninos, todos os tristes, todos os simples, todos os que desfiam as suas ladainhas de maguas ás estrelas: todas as mães que amamentam os seus filhos e ao mesmo tempo rezam e choram: todos os semeadores ou ceifeiros nos seus campos e trigaes: todos os marinheiros nas aguas das baías azues, que, como os Apostolos, deitam as suas rêdes ao sol: todos os poetas que choram ou scismam ás estrelas na torre de marfim do seu Ideal: vai, vai, obrasinha modesta e inofensiva: vai, aza branquinha e modesta mensageira de Jesus! vai, dizer a todos os grandes tristes, a todos os simples, a todos os inconsolaveis, a grandissima felicidade de poder ainda a alma de alguem comover-se e enternecer-se pelos outros, neste maldito seculo egoista e descaroavel: váe diser-lhes a inaudita felicidade de poder ou saber ainda

alguem enternecer-se e chorar! Saber carpir as proprias dôres, ainda existem decerto muitos, mas as dos outros quantos ha?...

Beati qui lugent!... Felizes os que podem e sabem chorar.

Orai pelo autor deste livrinho!...

GOMES LEAL

AS MAES

Ó suaves mulheres! que ides cantando
atravez das seáras e das vinhas,
vinde ouvir uma historia em verso brando,
— que hei de ensinar a ler ás criancinhas.

E' uma historia florída como as rosas!
Quero conta-la aos vossos querubins,
pelo luar — ás horas religiosas —
quando os cravos concebem e os jasmins.

Quero falar de um ente extraordinario,
tragico, meigo, mistico, suave,
de um leão que morreu sobre um Calvario,
— e que deixou um testamento de ave.

Vinde escutar-lhe a historia em Galiléa,
seu suor, sua morte, e seu lençol,
e quando electrizava a vil Judéa,
com seus olhos brilhantes como o sol.

Desoladas mulheres que ides chorando
os maridos que vão para os degredos,
por alta lua, os filhos embalando,
com cantigas que fendem os rochedos!...

Vinde buscar a cura a vossos males,
na narração das lagrimas, das dôres,
do que andava nos rios e nos vales,
com os simples, os chãos, os pescadores!

Vinde ouvir como andava largos dias,
nos lagos e baías prazenteiras,
e electrizava as almas das judias,
sob os seus véus, debaixo das palmeiras.

Vinde escutar as lastimas estranhas
das filhas de Sião de longas tranças,
como ele amava os lagos, as montanhas,
as pombas, os doentes, as crianças!

Vinde escutar seus prantos nos abrolhos,
nas montanhas seu verbo ás multidões,
e a expulsar dos demonios as legiões,
a forte luz terrivel de seus olhos.

O' suaves mulheres! que estais cantando
ao pôr do sol, olhando as andorinhas,
vinde ouvir uma historia, em verso brando,
— que hei de ensinar a ler ás criancinhas.

PREFACIO

Ó pombas! que andais voando
sobre as nuvens e as bandeiras,
regatos! que ides regando
os verdes pés das roseiras.

Evangelistas da Igreja,
nos vossos nichos sósinhos,
em cujas Biblias adeja
o vôo dos passarinhos,

ó crianças pequeninas!
com olhos cheios de luz,
romanzeiras purpurinas,
como as chagas de Jesus!

Madonas de olhos profundos!
como céus espirituais,
ou como dois vastos mundos,
para chorar os mortais,

Estrelas! celeste côro!
que andais rolando nos céus,
como grandes rodas de ouro
do antigo carro de Deus,

ouvide a historia sem par,
que eu rimei ás criancinhas,
e hei de fazei decorar
aos lirios e ás andorinhas.

Vinde vós tambem, profanos!...
Silencio: que ouço as legiões,
turbas, soldados romanos,
e á frente os centuriões.

Lá veem as lanças guerreiras
as turbas roucas, a Mãe!
Caí, palmas das palmeiras,
no chão de Jerusalem!

Populaça da Judéa!
constroe, bem alta, uma cruz.
Chorai, violetas da aldeia!
pela morte de Jesus.

A VIRGEM DE GALILÉA

Era uma vez uma Virgem
em Nazaret, branca aldeia,
que tinha um noivo da origem
dos velhos reis da Judéa.

A' porta do seu casal
crescia a flor do espinheiro,
como um emblema primeiro
do diadema rial.

De rastos seus pés beijavam
as plantas, como ás Rainhas.
No seu telhado adejavam
as azas das andorinhas.

Consolar a alheia magoa
ninguem sabia tão bem!
Era mais pura que a agua
da cisterna de Betlem.

Havia anceios contidos,
como vozes de quem roga,
quando ía, de olhos descidos,
ao sabado, á sinagoga.

Vinham as pombas, em bando,
sobre as suas mãos pousar,
quando fiava, cantando,
sentada, á porta do lar.

Dizia a branca açucena,
para a flor do rosmaninho:
— Que casta virgem morena
toda vestida de linho! ([1])

O mar que se ri da sonda
dizia com tom estranho:
— Quem me déra uma só onda
do seu cabelo castanho!

Toda a tarde, um rouxinol
cantava á flor do espinheiro:
— Que lindo rosto trigueiro!
Que cantos cheios de sol!

Os marinheiros as barcas
paravam, como em delirio.
Era o mais mistico lirio
do bordão dos Patriarcas!

Ora, uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
á porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Voavam pombas nos cumes.
O sol descia a ladeira.
No ar boiavam perfumes
misticcs de laranjeira.

O rosto do mensageiro,
placido e resplendente,
brilhava como um guerreiro,
ou como o sol no Oriente.

Então, com voz grave, cheia
de uma inefavel poesia,
á Virgem de Galiléa
saudou-a: «Ave Maria!

Ave, ó lirio impolúto!
cheia de graça ante os Céus.
Bento no ventre é teu fruto.
Convosco é o Senhor Deus!»

Mas ela, com humildade,
como a rasteirinha herva:
— «Faça-se a vossa vontade,
Senhor, eis a vossa serva!»

Então as rôlas voaram.
Deu graças o Oceano vário.
— Mas, sobre as hastes, choraram
as violetas do Calvario.

NO PRESEPIO

NAQUELES dias, então,
— por decreto imperial —
saiu um censo geral
a toda a Tríbu ou Nação.

Cesar Augusto era o genio
de Roma — da Scitia á Iliria —
Era então tambem Cirenio
o presidente da Siria.

Longas estradas de álem,
José, mais a noiva amada,
caminharam de jornada
para as terras de Betlem.

José, o noivo rial,
tivera seu berço ali.
— Era o seu país natal.
-- Eram campos de David.

De régia ascendencia nobre,
José, apesar de herdeiro,
era um simples carpinteiro,
sereno, tranquilo, e pobre.

Sabia vestir os nús,
socorrer a Fome crúa,
e aos olhos da noiva, á lua,
mandar súplicas de luz.

Sabia ao seu bem amado
mandar seus ais, seus martirios,
na hora em que do azul sagrado
parece que caem lirios!

Ora, eram vindos os dias,
segundo os signos dos céus,
e as letras das Profecias,
— que nascia um filho de Deus.

Mas este filho rial
não foi nos céus embalado,
não teve ouro, nem brocado,
nem teve régio enxoval.

As nuvens não o enfaixaram
nos seus mantos de setim.
Nem estrelas lhe cantaram,
junto ao berço de marfim.

Não lhe mandou Deus enfeite
em uma salva dourada.
— Teve as perolas do leite,
— e o orvalho da madrugada!

Não lhe cantaram cantigas
os sóis, para o adormecer.
— Teve o ouro das espigas,
— e os rubins do amanhecer!

Não se ergueu do seu assento
Deus a beija-lo na face.
— Teve a luz do sol que nasce!
— Teve as ladainhas do vento!

Não lhe coseram neblinas
os seus nevados lençóis.
Nem bordaram roupas finas,
com aureas firmas, os sóis.

Não lhe ofertaram toalhas
princesa, ou rainha loura.
— Por enxoval, teve as palhas.
— Por berço — uma manjedoura.

Só de manhã o saudaram
as andorinhas do ninho.
Só as violetas o olharam,
mais a flôr do rosmaninho.

Não lhe fez festas o Eterno,
ao colo de uma Rainha.
Só teve o bafo materno
da vaca, e da jumentinha.

E o Rei da Morte e da Dôr,
sem ter archeiros reais,
só leu cortejos de amor
— nos olhos dos animais!

OS PASTORES

— —

GUARDAVAM certos pastores
seus rebanhos, ao relento,
sobre os céus consoladores
pondo a vista e o pensamento.

Quando viram que descia,
cheio de gloria fulgente,
um anjo do céu do Oriente,
que era mais claro que o dia.

Jamais os cegára assim
luz do meio dia ou manhã,
Dir-se-ia o audaz Serafim,
que um dia venceu Satan.

Cheios de assombro e terror,
rolaram na herva rasteira.
—Mas ele, com voz fagueira
lhes diz, com suave amor :

Erguei-vos, simples, d'aí,
humildes peitos da aldeia !
Nasceu o vosso Rabí,
que é Cristo—na Galiléa !

Num berço, o filho rial,
não o vereis reclinado.
Vê-lo-eis pobre e enfaixado,
sobre as palhas de um curral !

Segui dos astros a esteira.
Levai pombas, ramos, palmas,
ao que traz uma joeira
das estrelas e das almas !

Foi-se o anjo : e nas neblinas,
então celestes legiões,
soltam misticas canções,
sobre violas divinas.

Erguem-se emfim os pastores,
e vão caminhos d'além,
com palmas, rolas, e flores,
cordeiros, até Betlem.

E exclamava indo a andar:
— «Vamos ver o vinhateiro!
ver o que sabe lavrar
nas nuvens, ver o Ceifeiro!

Vamos beijar os pés nús
do que semeia nos céus.
Ver esse pastor que é Deus,
— e traz cajado de luz!»

Chegando ao presepio, emfim,
caem, de rojo, os pastores,
vendo o herdeiro d'Eloím,
que veste os lirios e as flores.

Dão-lhe pombas gloriosas,
meigos, tenros animais.
— Mas, vendo coisas radiosas,
casos vindouros, fatais...

abria o deus das creanças
uns olhos profundos, graves,
no meio das pombas mansas,
— nas palpitações das aves.

OS REIS MAGOS

NAS torres, olhando os astros,
que viajam pelos céus,
os Reis Magos viram rastros
do *avatar* de um grande Deus.

Leram em livros profundos,
que a Caldéa e a Assiria teem,
que estava a descer dos mundos
um deus á Jerusalem.

Cheio de assombro, á janela,
mudos ficam os seus labios!
De pé olhando uma estrela,
velam noites os reis sabios.

Não querem mais alimento,
nem com rainhas dormir.
Não tomam ao trono assento!
Não mais volvem a sorrir!

Sómente olham, sem cessar,
a branca estrela brilhante,
como o sceptro dominante
do rei que vai a reinar.

Abraçam a esposa amada.
Dão as chaves aos herdeiros.
Mandam vir seus escudeiros,
os seus bordões de jornada.

Despejam os seus erarios,
cheios de alvoroço imenso.
Carregam seus dromedarios,
d'ouro, de mirra, de incenso,

Passam rios e cidades
cheias de estatuas guerreiras,
palacios, campos, herdades.
cisternas sob as pálmeiras.

Seguem a luz do astro belo,
que as estradas lhes clareia,
até chegar ao castelo
do rei que reina em Judéa.

Chegados ao rei cruel,
que de Herodes nome tem,
bradam: «O Rei de Israel
nasceu em Jerusalem?..

Fica assombrado o Tetrarca.
Diz-lhes tal nova ignorar.
— Mas, em nome da Santa Arca!
voltai, reis, ao meu solar!»

Seus olhos ficam sombrios:
Vê perdido o seu tesouro,
soldados, terras, navios,
da Judêa o sceptro de ouro!

Tomam os reis seus bordões.
Levantam as suas tendas.
Carregam suas of'rendas.
Demandam novas regiões.

Passam rios e cidades,
cheias de estatuas guerreiras,
palacios, campos, herdades,
cisternas sob as palmeiras.

Passam colinas, rebanhos,
campos de louras ceáras,
quando a lua faz desenhos
no chão das estradas claras.

Passam o quente areal,
que a palmeira não conforta.
Eis que a estrela pára á porta
de um decrepito curral.

Descem dos seus dromedarios,
cheios de pó, os reis sabios.
Descarregam seus erarios
— Mas estão mudos seus labios.

Rojam as barbas nevadas
sobre o deus que adormecêra,
com as mãosinhas rosadas
da Mãe, nos seios de cêra.

Seus olhos sentem assombros,
e nadam cheios de choro.
— Rasgam seus mantos dos hombros.
— Dão-lhe mirra, incenso e ouro.

Esquecem sua nação,
mais seus carros de batalha.
— Seus sceptros rolam na palha!
— seus diademas no chão!

E erguendo os seus olhos graves,
— perguntam então — olhando
as pombas voando, em bando,
os aldeões, mais as aves:

«E' este o rei dos senhores?
Tábua da Lei das rainhas?
Por archeiros — tem pastores.
Por pagens — as andorinhas.»

FUGIDA PARA O EGITO

José, dormindo em seu leito,
sonha que vê de repente
baixar um varão perfeito,
d'uma expressão imponente.

Em sonhos, o mensageiro
lhe bradou: «O rei maldito
da Judea busca o herdeiro
dos céus. Vai pois ao Egito!

«Ergue-te, e vai, que eu irei
mais teu bordão de jornada,
té que a Morte sele o rei
na sua tumba lavrada!»

Ergue-se José. Desperta
a Mãe abraçada ao filho,
como uma violeta aberta
a uma haste de junquilho.

Erguem-se cheios de assombros
e, sob os céus condoídos,
— mantos mal presos nos hombros —
fogem como uns reis banidos.

Como sentinela cauta,
vela o arcanjo as deanteiras.
Geme o vento como flauta
chorosa pelas figueiras.

Passam rochedos e montes,
sobre os astros diamantinos.
Na agua corrente das fontes
cuidam ouvir assassinos.

Rasgam seu manto as piteiras.
O terror gela seus ossos.
Como velhas chocalheiras,
fazem barulho os tremoços.

A virgem vai toda em pranto,
sob os estrelados ceus,
entre as dobras do seu manto,
levando o fugido Deus.

Ai! quantas vezes Judá,
toda em chóros, sob o açoite,
não levou tambem Jehová,
para os desterros, de noite!

Ai! que vezes, prisioneiros,
por desertos areais,
não levaram seus guerreiros,
outrora, o Deus de seus pais!

HERODES

HERODES sobre o seu trono
espera os Magos em vão.
Busca a treva e a solidão.
Do leito foge-lhe o sono.

Cançado emfim de aguardar,
cheio de hostís desenganos,
crianças até dous anos
manda aos verdugos matar.

Que brados Jerusalem
não ergueste até Jehová!
— Que chóros vão em Betlem!
— Que gritos vão em Ramá!

Ah! profecia cruel
então vieste a lembrar:
«*Seus filhos chora Raquel,*
e não se quer consolar!»

A INFANCIA DE JESUS

Assim que Herodes morreu,
voltam logo á Galiléa.
Regressam á sua aldeia,
ao seu pomar, ao seu céu.

Ali, nas horas divinas,
quando cantam as ceifeiras,
Jesus trepava ás colinas,
corria, á lua, nas eiras.

Vagava, sob as estrelas,
cantando entre os pescadores,
em barcas de brancas vélas,
quando a amendoeira tem flores.

Trepava ás negras amoras,
desatava os nós das barcas,
e escutava, horas e horas,
as vidas dos Patriarcas.

Mas ai! que vezes, vagando
longe dos campos, das casas,
deram com ele, chorando,
— vendo as viagens das azas!

ENTRE OS DOUTORES DA LEI

CHEGADA a festa chamada
da Pascoa, parte tambem,
como os mais, toda a sagrada
familia a Jerusalem.

Passam o rio Cedron.
Vêem o solar brilhante
de Herodes, o val de Henon,
e mais o templo gigante.

Mas, no regresso, ao voltar
aos campos cheios de luz
da sua aldeia, ao seu lar,
em balde buscam Jesus.

Chama-o a Mãe entre o povo,
dois dias, de magua cheia.
Ao terceiro, entram de novo
na capital da Judéa.

Mas mudos ficam seus labios,
vendo-o no templo do rei
Salomão, vencendo os sabios,
citando textos da Lei.

Cravando sobre as alturas
seus olhos serios e virgens
explicava as Escrituras,
a Terra, os Céus, as Origens!

Citava textos profundos
vagos, obscuros, incertos.
Viam-se brilhar os Mundos,
e os Sóis — nos olhos abertos.

Magros Doutores, cheios d'anos,
erguiam olhos aos céus.
— Paravam os Publicanos.
— Pasmavam os Fariseus.

— Mas eles, os Pais, — gostosos,
a tais coisas nunca ouvidas.
na sombra, silenciosos,
choravam, ás escondidas.

AS BODAS DE CANAÃ

Faltando o vinho nas bodas
de Canaã, e vendo a magua
do noivo, ante as gentes todas,
transformou em vinho a agua.

Mas, mais tarde, feito rei
dos Judeus, na Ceia, exangue,
dando vinho aos seus — «bebei!
lhes brada — que é o meu sangue!»

O BAPTISTA

SENDO imperador romano
o torpe Cesar Tiberio,
ao decimo quinto ano
do seu tiranico imperio,

Pilatos, seu velho amigo,
então regendo a Judéa,
e Heródes, filho do antigo,
reinando na Galiléa,

houve um homem no deserto,
que os povos chamavam *Mestre*,
de lã de cabra coberto,
vivendo de mel silvestre,

Que prégava aos penitentes
jejuns, pureza, oração,
baptizando a Plebe e as gentes,
em pé, no rio Jordão.

Ora este homem, cuja vista
fascinava a Plebe inquieta,
era o precursor Baptista,
— era o ultimo proféta.

Era primo do Messias,
e era João o seu nome.
Tinha o dom das profecias,
faces cavadas de fome.

E prégava assim ás gentes :
— «Monstros ! filhos da Mentira !
Ó geração de serpentes,
porque é que fugis da Ira ?

«Em breve vereis chegar,
esse de quem eu — ingratos !
nem mereço desatar
o atilho de seus sapatos !

«De que vos serve e vos medra
dos Justos ser geração?
Deus póde até d'uma pedra
levantar filhos de Abraão!

«Em breve — poços imundos!
vereis surgir sobre a eira,
quem traz na destra a joeira
com que ele joeira os mundos».

— Mestre! o que farei, pois bem?
gritava-lhe o legionario.
Mas ele: «pratíca o bem!
Vive só do teu salario!»

—«Rabi! que farei?» como susto
diz de rojo o Publicano,
—«Não sejas vil, desúmano!
Cóbra o que só fôr justo!

—«Qual a lei que mais aprovas
Rabi?» diz-lhe o Escriba, em suma.
—«Tens duas tunicas novas?...
Vai — e dá de esmola uma.»

Assim prégava. Anciãos,
Escribas, povo aos magotes,
vinham ve-lo, erguendo as mãos.
— Pasmavam os Sacerdotes.

Baptizavam-se contritos,
mulheres, crianças e velhos.
Vinham beijar-lhe os aflitos
as sandalias, de joelhos.

— Mas, enquanto aos pés choravam
os povos, como uns pupilos,
pelas estrelas erravam
seus tristes olhos tranquilos.

O BAPTISMO DE JESUS

Naqueles tempos então,
de Heródes sob o reinado,
a fim de ser baptizado
Jesus se foi ao Jordão.

Após o baptismo, arfando
dos altos, místicos céus,
viu-se uma pomba adejando
sobre o sério e virgem Deus.

Então seus olhos radiaram
felizes, nos céus abertos.
— Mas logo, tristes, choraram
sobre as Cruzes e os Desertos. —

A TENTAÇAO DO DESERTO

Num deserto místerioso,
orando, Jesus, em paz,
foi n'um rochedo anguloso
tentado por Satanaz.

Quarenta dias orava,
dos jejuns sofrendo o açoite.
No abísmo as horas contava
Satan, Principe da Noite.

Os grandes olhos nocturnos
do azul sombrio e caládo,
davam clarões taciturnos
ao perfil do Fulminado.

Lia-se em todo o seu rosto
de tristeza sem remédio,
não sei que oculto desgosto,
feito de Desdem e Tédio.

Sobre a rocha culminante,
cerrou as asas e o olhar,
como um abutre gigante,
que já não póde voar.

E a Jesus, num riso misto,
feito de Orgulho e Irrisão,
clamou: «Se acaso és o Cristo,
faze d'estas lagens pão!»

Como risadas contidas,
as notas da Voz Estranha,
reboaram repetidas
pela sinistra montanha.

Mas Cristo, olhando o infinito,
onde mil astros se somem,
tornou: Satan, está escrito:
—«Nem só de pão vive o Homem!»

Então Satan sobre o cúme
mais alto, escuro, profundo,
mostrou-lhe quanto resume
vãs pompas, reinos do mundo.

E disse: «Dou-te vaidades,
mírras da Arábia, aloés,
chaves de imperios, cidades,
se me caíres aos pés!»

Mas Cristo, olhando o infinito
de estrelas, cheio de paz,
tornou: «Satan, está escrito:
— Só teu Deus adorarás!

Então levando o Rabi
do templo sobre as alturas:
— «Se és Cristo, cáe do alto ali
sobre aquelas lagens duras.

Porque, se rolares do alto
do templo de Salomão,
não deves ter sobresalto,
os Anjos te ampararão!»

Mas Cristo, olhando o infinito,
e depois a Satanaz,
tornou: «Satan, está escrito:
— Teu senhor não tentarás!»

Então, insultando a larga
esféra do azul sem fim,
com uma risada amarga,
caíu o Maldito enfim.

Mas, ao tombar, com rir fero,
e palavras chocarreiras:
—«Adeus, Rabi!.. Lá te espero
no jardim das Oliveiras!»

NA GALILEA

QUANDO findou seu jejum,
foi prégar á Galiléa,
e nunca Principe algum
teve mais nome em Judéa.

Corriam a ve-lo as gentes
de varias terras, países.
Seus olhos serios, clementes,
saravam os infelizes.

Prègava, coisas dos céus,
Estrelas, Causas, Origens,
sempre seguido dos seus:
— bando de humildes e virgens.

Não tinha veste de lã,
guarida, alforje, ou lençol.
Afugentava a Satan,
com olhos cheios de sol.

Confundia os vãos Doutores,
mais os Escribas sombrios.
Amava prégar nos rios,
nas barcas dos pescadores.

Ó céus profundos e vagos!
Ó astros de eternos giros!
Ó espelho azul dos lagos!
Almas cheias de suspiros!

Ó tristes tardes magoadas
dum sol de opala e rubins!
Ó baías azuladas!
Relvas cheias de jasmins!

Noites! que a corça ao sabor
das nascentes mata a séde!
Ó tardes! que o pescador,
cantando, concerta a rêde...

vós só, ó coisas graciosas!
podereis dar uma idéa
d'aquelas noites saudosas
que ele andou por Galiléa!

Chegavam as mães, fiando,
á porta, o seu linho fino,
para o ouvirem prégando
coisas de um reino divino.

Destruia á Plebe e ás gentes
os preconceitos erroneos.
Sarava as almas doentes.
Lançava fóra os demonios.

Profétizava o Porvir.
Amava os montes e o mar.
Nunca ninguem o viu rir,
mas, muitas vezes, chorar!

Os legionarios romanos
bradavam: «Este é um Deus!»
Choravam Samaritanos.
Paravam os Fariseus.

Davam-lhe pomos gostosos,
mantos de fino tecido.
Vinham beijar-lhe os leprosos
a ourela do seu vestido.

As judias, com as tranças,
limpavam seus brancos pés.
Davam-lhe mírra, aloés.
Riam-lhe á porta as crianças.

Mas, com riso chocarreiro,
alguns diziam: «Que idéa
ser Cristo, Rei da Judéa,
o filho dum carpinteiro!

Só anda com Publicanos
e com leprosos, vês tu!»
— Outros, com risos profanos,
clamavam: «Tem Belzebú!»

Mas ele, prégando os Céus,
Estrelas, Causas, Origens,
seguia, ávante, entre os seus:
— humildes, tristes e virgens.

OS APOSTOLOS

Um dia, andando o galileu Simão,
calado e só, a meditar consigo,
no mar lançando a sua rêde, em vão,
O Rabí chega e diz-lhe: «Vem comigo!»

—«Segue-me» o Mestre diz. «Deixa tambem
teu barco e tudo sobre as aguas calmas.
Deixa a teu Pae, teu lar, a tua Mãe.
Vem comigo! Far-te-hei pescador dalmas!»

O Rabí juntou mais, que abandonaram
tambem por ele as redes, mais o bote,
mais um certo tambem que recrutaram:
— Um tal Judas, natural de Kariot. [2]

O RABI [3]

O Rabi, com seus tristes olhos sérios,
pelos montes, os rios, as seáras,
vai andando e prégando ideais místérios,
novos céus, novas leis, místicas, raras.

E assim préga o Rabi: — «Andai no mundo
sem alforge, sandalias, nem bordão!
Prégai, e consolai. Limpai o imundo.
Largai a propria capa a vosso irmão!

«Do valor proprio não façais alardes!...
Saudai o vosso hospede primeiro!
Sêde entre lobos candido cordeiro.
Não temais que vos mofem por cobardes!

«Se, acaso, vos baterem numa face,
estendei logo a outra após tambem.
Porque antes que este mundo ou o céu passe,
do bando meu não passará ninguem!

«Não ameis tudo o que fulgura e brilha.
Se acaso um inimigo pelas ruas
vos force a andar com ele quasi a milha:
Ide! — e caminhai com ele as duas!

«Dai aos órfãos e aos pobres, que não tem
os grãos da vossa eira ou da colheita.
Que a vossa esquerda nunca saiba o bem
que praticou a vossa mão direita!

«Não vos causem receios ou estorvos
cuidados do alimento ou do trajar.
— Nunca aprenderam a ceifar os corvos!
— Não sabem tecer lirios, nem fiar!

«Contudo, em sua tépida estação,
ninguem tem um vestido como o lirio!
nem Mago, nem Tetrarca, ou Rei assirio,
nem mesmo, em sua gloria, Salomão.

«Aferrolhai tesouros só de graça
celeste nas divinas regiões.
Pois, na terra, no escuro, vem a traça.
De noite vêem os furtos dos ladrões.

«Em meu nome, e meu Verbo, largareis
vosso lar, vossos Pais, as vossas Mães.
— Pérola a cerdos vis nunca deiteis!
— Nunca o que é santo profaneis aos cães!

«Se pleito litigardes, ou questão,
com irmão vosso, e fôrdes para órar,
deixai a vossa oferta ao pé do altar,
e correi a abraçar o vosso irmão!

«Se em qualquer terra, sem mostrarem dó
de vós, vos molestarem os ingrátos,
fugi d'ela! deixai-a! e dos sapátos
sacudi, maldizendo-a, á porta, o pó.

«Mas ah! tristes das terras, das cidades!
Mais lhes valêra terem, juro eu,
de Sodoma e Gomorra as impiédades,
e sobre elas chover fogo do Céu!»

Assim préga o Rabí — Eis cae-lhe aos pés
um certo homem da tribu de Leví,
e bráda-lhe: «Conheço quem tu és!...
Irei contigo, e com os teus, Rabí!»

«Mas o Rabí: «As féras e as raposas
acham covas na terra onde habitar.
Teem seus ninhos, tambem, aves gloriosas!
— Mas eu não tenho pedra, leito, ou lar.»

Outro lhe diz: «Ó Mestre! se te apráz,
deixa, primeiro, que eu abrace os meus!»
— mas ele: «Nunca chega a ver os ceus
quem mete a mão no arado, e olha atrás!»

Diz-lhe um órfão recente e sem confortos:
— «Deixa, Rabí, ir enterrar meu Pai!»
— Mas ele: «Enterrem mortos os seus mortos! —
Tu préga ás almas, e consola. — Vai.»

Assim segue o Rabí, sempre entre os seus
discipulos e apostolos da fé,
sem saco, alforje, nem bordão, a pé,
dizendo coisas místicas dos céus.

Porém, na sombra, em baixo, os vãos Doutores
ládram aos seus com ira: «Anda a agitar
os escravos, a plebe, os pescadores.
Deve-o Roma, sem falta, apedrejar!»

Outros dizem: «Recruta Publicanos
imundos e leprosos, não vês tu?»
E os Anciãos, com risos de tirânos,
dizem aos Fariseus: «Tem Belzebú!»

Mas o Rabí, nas altas penedias,
em pé, dos céus olhando as amplidões,
extatico — medita em teogonías,
místerios, liturgías, religiões.

ENTRADA EM JERUSALEM

ENTRE as palmas, as glorias, as bandeiras,
sobre um jumento, o Mestre entra em Sião.
— Deitam-lhe aos pés as palmas das palmeiras.
— Estendem-lhe os seus mantos pelo chão.

Hossana! grita a Plebe, alvoroçada.
Hossana! clamam pelas ruas fóra.
— Mas, na cidade antiga e condenada,
só o Rabí, silencioso, chora.

AS CRIANÇAS

REPELE alguem do Mestre, brutalmente,
os louros querubins de rostos finos.
— Mas o sabio Rabi lhes diz, clemente:
«Deixai virem a mim os pequeninos.

«Deixai-os vir a mim. Sou o ceifeiro
que nada perde, e os mundos vem ceifar.
— Feliz de quem como estes é rasteiro.
— Ai daquele, cruel, que os molestar!»

MADALENA

Descái o sol nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

Um rouxinol suspira num loureiro.
— É nessa hora do ocaso meiga, e terna,
em que o sol busca o mar como um boieiro,
que vem bebêr á bôca da cisterna.

Passam Jesus e os seus. — Sião, Ramá,
e as notalgicas filhas de David
dizem, na sombra, baixo: Quem será
este suave e mistico Rabi?

Mas o sol cai nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

Da Galiléa ao monte de Carmelo
as judias, da sombra no misterio,
dizem, baixo: «Que principe tão belo
parece ser este Rabi tão sério!

—«Ele é mais louro do que um sol levante,
mais meigo e casto do que mansa ave!
Ele é mais belo do que um Rei distante!
— Quem será, pois, este Rabi suave?»

Mas o sol cai nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

Madalena, em Betânia, desatando
seu cabelo, qual fulgido lençol,
limpa os pés do Rabi, humilde, olhando,
seus olhos cheios de dominio e sol.

Lança-lhe aos pés um balsamo correndo.
que Judas diz : do desperdicio o cumulo.
— Mas o Rabi suave vai dizendo :
«Triste mulher ! Ungiu-me para o túmulo !»

O sol descai nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

O lavrador, na tarde socegada,
dos misterios scismando sobre a origem.
vai andando, e dizendo, sob a enxada :
—«Quem será o Rabi palido e virgem ?»

O pescador trigueiro das baías,
deitando a rêde, diz, olhando o rio :
—«Quando virá o lúcido Messias ?
— Quem é este Rabi louro e sombrio ?»

O discipulo e apostolo, cavado
dos jejuns, a scismar sobre a doutrina,
vai andando, e dizendo : O Céu calado
póde criar a encarnação divina ?...

«Póde o Verbo ser Carne? O Todo e o tudo
tornar-se a Parte? um ramo de David!
Ó céu largo! Ó céu triste, belo e mudo!
quem é pois, quem é pois, nosso Rabi?»

— Mas Madalena num amargo chôro,
limpa os pés do Rabi, cheia d'amor,
com seus longos cabelos feitos de ouro,
e, baixinho, soluça: — «È meu senhor!»

O sol morreu nos olivais do monte.
Rompe o virgem luar. — Ás largas eiras
vão-se indo as filhas de Jacó, da fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

A MULHER ADULTERA

O Rabi está no Templo e ensina ás gentes.

Discipulos, em roda, reverentes,
scismam, de olhos no chão, graves, e mudos,
concentrados no Verbo, e nos sisudos
preceitos do Rabi, que fita os céus.

Nisto, chegam-se a ele os Fariseus,
Escribas, Sacerdotes, Anciãos,
trazendo uma mulher que torce as mãos,
que suplíca, soluça, e chora baixo

E gritam-lhe: «Rabi! tu que és um facho
de sciencia da Lei, das Escrituras,
que prégas novos céus, coisas futuras,
e misticas teorias transcendentes,
que prégas como nunca outr'ora, ás gentes,
o Baptista prégou junto ao Jordão,
dize-nos isto, ó Mestre! — a Tradição,
nossas Leis, mais as letras de Moisés,
ordenam-nos que a adúltera, que vês,
apedrejada seja, incontinente.
Porém, tu que és um Sabio, és um vidente,
Mestre! que opões a Lei tão triste e feia?»

— Mas o Rabi, calado, sobre a areia,
tranquilamente, escreve. — Nada diz.

— Tornam eles: «Rabi! a meretriz,
que o corpo prostitue, pelas tabernas,
ás romanas legiões, sob as lanternas,
ou aos raios da lua macilenta,
não é tão monstruosa e peçonhenta
como a infame mulher que atira á lama
o nome de um esposo, que a proclama
a infamia do seu leito e do seu lar!

Porém tu, que usas sempre perdoar,
cuja doutrina é feita de clemencia,
que só prégas perdão, dó, paciencia,
Mestre! que opões a Lei tão justa e feia?»

— Mas o Rabi, calado, sobre a areia,
tranquilamente, escreve. — Não responde.

— Tornam eles: «Rabi! aonde, aonde
iremos nós buscar quem desvaneça
nossas dúvidas, pois, ou que esclareça
o espirito da Lei e da Doutrina,
quando tu, Mestre! de intuição divina,
nada dizes, contestas, nem opões?

Mas o Rabi, que lê nos corações
desses póços de fel e de mentira,
desses antros da Gula, Orgulho e Ira,
e lhes profunda as causas e as origens,
levantando do chão seus olhos virgens
e tristes, gravemente, assim lhes falla:
—«Seja o primeiro, aqui, a apedreja-la
quem se ache puro e livre de pecado!»—

E de novo, o Rabi, lento e calado,
tranquilamente, escreve sobre a areia.

Mas assim como emigra uma colmeia
de abelhas, pouco a pouco, do cortiço,
demandando outros sois, buscando o viço
de outras rosas debaixo de outros céus,
assim vão desertando os Fariseus,
a dous, e tres, em grupos, em magotes:
os Principes, Escribas, Sacerdotes,
Anciãos, e Pontifices, Doutores.

—«Mulher! onde é que estão teus detractores?»
brada o Rabi, por fim, não vendo alguem.

—«Rabi, não me condena mais ninguem!
Nem Escriba, Ancião, nem Fariseu!»

—«Ninguem? diz o Rabi. Pois bem. Nem eu».

—«Permite, pois, que regue com meu pranto
tuas plantas, Rabi bondoso e santo!
e beije, humilde, a ourela aos teus vestidos».

—«Mas, mau grado, ó mulher! os teus gemidos,
que proveito e lição tiras do dia ?»

—«Que ninguem deve expôr-se á gemonia
de pecar, por um goso passageiro!»

—«Pois bem. Mas quem dirá ao Povo inteiro
que tu, alucinada, novamente
não volvas, mais ousada e impenitente
a excitar, contra ti, seus alaridos ?»

—«Meus soluços, Rabi! os meus gemidos»

— Mas quem dirá á Egreja e aos Fariseus
que não tornas, Mulher! contra teu Deus,
mais rebelde, a pecar, presa do Inferno?»

—«Meu remorso, ó Rabi! profundo e eterno».

—«Mas que prova, penhor, ou garantia
dás tu, Mulher! á Lei de que, outro dia,
esquecida desta hora atribulada,
não serás, cruelmente, apedrejada,
por outro crime vil, infame e imundo?»

—«O meu tédio e rancor, Rabi! ao mundo».

—«Mas quem te deu tão rapida aversão
assim ao Mundo e á Carne?»
—«O teu perdão!»

—«Quem te mudou?»
—«A tua acção tão boa!»

—«Vai, pois. Não peques mais. Chora e perdôa».

A SAMARITANA

O sol roxeia o céu. — É no poente.

O Rabi vem andando lentamente,
mordido da poeira das estradas,
olhando as roxas nuvens desgrenhadas,
meditando na Lei, na paz eterna.

Nisto senta-se ao pé de uma cisterna,
que está junto a Sicar em Samaria,
e eis que chega, á mesma hora, ao fim do dia.
com o ritmico andar de uma Romana,
uma esbelta mulher Samaritana,
de um biblico perfil firme e trigueiro.

—«Mulher! diz-lhe o Rabi, ao caminheiro
que vem de uma jornada amarga e dura,
nada o refresca mais do que a agua pura,
que lhe minora a calma, a sêde, a magoa.
Dá-me, pois, de beber, Mulher! dessa agua,
pois venho quebrantado dos trabalhos
da jornada, entre montes, entre atalhos
cobertos de urze e de tojal silvestre».

Mas a Mulher, então, replíca ao Mestre:

—«Senhor! como é que tu, que és um hebreu,
não recusas, com uma tal como eu,
que sou uma mulher Samaritana,
de falar e beber da mão profana
a agua que aqui jaz nesta cisterna?»

—«Eu sou, torna o Rabi, a agua eterna.
Sou a linfa corrente da Verdade,
que corre sem cessar da Eternidade,
de uma nascente augusta e inesaurivel.
Sou a agua da Força, em que, impassivel,
vem beber a Justiça intemerata.
Sou o veio ideal de branca prata,
em que bebem os Céus, os Bons, os Castos.

—«Beberei dessa agua até de rastos.
Mas, não tendo tu vaso, como queres
tira-la da cisterna onde as mulheres
das terras de Sicar usam tira-la?»

—«Se tu soubesses quem contigo fala,
pedir-me-ias desta agua eterna e forte!»

—«Deixa que eu beba dela até á Morte.
Mas acaso, Senhor! és mais potente,
e maior que Jacó, nosso ascendente,
que a cisterna nos deu, ó como legado,
e até dela bebeu, mais o seu gado,
mais os seus filhos, no calor da sésta?»

—«Quem beber da minha agua não lhe resta
jámais sêde, Mulher, na vida eterna.
Mas quem agua colher desta cisterna,
voltará a ter sêde e a beber mais».

—«Não provaram dessa agua os nossos Pais.
Mas dá-me dela tu, por Jeová!»

—«Vai. Chama a teu marido. E, após, vem cá».

—«Eu não tenho marido!»

—«Bem disseste.

Porque cinco maridos já tiveste.

E este, que agora tens, não te pertence».

—«Oh — por mais que cogite, estude, pense,

conheço que és Profeta! E as profecias

falam, todas, na vinda de um Messias,

que almejam nossos Pais, as nossas mães.

—«Mulher! — diz-lhe o Rabi — aqui o tens».

AS CRIANÇAS

Repele alguem do Mestre, brutalmente,
os louros querubins de rostos finos.
— Mas o sabio Rabi lhes diz, clemente:
«Deixai virem a mim os pequeninos.

«Deixai-os vir a mim. Sou o ceifeiro
que nada perde, e os mundos vem ceifar.
— Feliz de quem como estes é rasteiro.
— Ai daquele, cruel, que os molestar!»

MADALENA

DESCÁI o sol nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

Um rouxinol suspira num loureiro.
— É nessa hora do ocaso meiga, e terna,
em que o sol busca o mar como um boieiro,
que vem bebêr á bôca da cisterna.

Passam Jesus e os seus. — Sião, Ramá,
e as notalgicas filhas de David
dizem, na sombra, baixo: Quem será
este suave e mistico Rabi?

Mas o sol cai nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

Da Galiléa ao monte de Carmelo
as judias, da sombra no misterio,
dizem, baixo: «Que principe tão belo
parece ser este Rabi tão sério!

—«Ele é mais louro do que um sol levante,
mais meigo e casto do que mansa ave!
Ele é mais belo do que um Rei distante!
— Quem será, pois, este Rabi suave?»

Mas o sol cai nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

Madalena, em Betânia, desatando
seu cabelo, qual fulgido lençol,
limpa os pés do Rabi, humilde, olhando,
seus olhos cheios de dominio e sol.

Lança-lhe aos pés um balsamo correndo.
que Judas diz: do desperdicio o cumulo.
— Mas o Rabi suave vai dizendo:
«Triste mulher! Ungiu-me para o túmulo!»

O sol descai nos olivais do monte.
Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacó á fonte
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

O lavrador, na tarde socegada,
dos mistèrios scismando sobre a origem.
vai andando, e dizendo, sob a enxada:
—«Quem será o Rabi palido e virgem?»

O pescador trigueiro das baías,
deitando a rêde, diz, olhando o rio:
—«Quando virá o lúcido Messias?
— Quem é este Rabi louro e sombrio?»

O discipulo e apostolo, cavado
dos jejuns, a scismar sobre a doutrina,
vai andando, e dizendo: O Céu calado
póde criar a encarnação divina?...

«Póde o Verbo ser Carne? O Todo e o tudo
tornar-se a Parte? um ramo de David!
Ó céu largo! Ó céu triste, belo e mudo!
quem é pois, quem é pois, nosso Rabi?»

— Mas Madalena num amargo chôro,
limpa os pés do Rabi, cheia d'amor,
com seus longos cabelos feitos de ouro,
e, baixinho, soluça: — «È meu senhor!»

O sol morreu nos olivais do monte.
Rompe o virgem luar. — Ás largas eiras
vão-se indo as filhas de Jacó, da fonte,
com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

A MULHER ADULTERA

—

O Rabi está no Templo e ensina ás gentes.

Discipulos, em roda, reverentes,
scismam, de olhos no chão, graves, e mudos,
concentrados no Verbo, e nos sisudos
preceitos do Rabi, que fita os céus.

Nisto, chegam-se a ele os Fariseus,
Escribas, Sacerdotes, Anciãos,
trazendo uma mulher que torce as mãos,
que suplíca, soluça, e chora baixo

E gritam-lhe: «Rabi! tu que és um facho
de sciencia da Lei, das Escrituras,
que prégas novos céus, coisas futuras,
e misticas teorias transcendentes,
que prégas como nunca outr'ora, ás gentes,
o Baptista prégou junto ao Jordão,
dize-nos isto, ó Mestre! — a Tradição,
nossas Leis, mais as letras de Moisés,
ordenam-nos que a adúltera, que vês,
apedrejada seja, incontinente.
Porém, tu que és um Sabio, és um vidente,
Mestre! que opões a Lei tão triste e feia?»

— Mas o Rabi, calado, sobre a areia,
tranquilamente, escreve. — Nada diz.

— Tornam eles: «Rabi! a meretriz,
que o corpo prostitue, pelas tabernas,
ás romanas legiões, sob as lanternas,
ou aos raios da lua macilenta,
não é tão monstruosa e peçonhenta
como a infame mulher que atira á lama
o nome de um esposo, que a proclama
a infamia do seu leito e do seu lar!

Porém tu, que usas sempre perdoar,
cuja doutrina é feita de clemencia,
que só prégas perdão, dó, paciencia,
Mestre! que opões a Lei tão justa e feia?»

— Mas o Rabi, calado, sobre a areia,
tranquilamente, escreve. — Não responde.

— Tornam eles: «Rabi! aonde, aonde
iremos nós buscar quem desvaneça
nossas dúvidas, pois, ou que esclareça
o espirito da Lei e da Doutrina,
quando tu, Mestre! de intuição divina,
nada dizes, contestas, nem opões?

Mas o Rabi, que lê nos corações
desses póços de fel e de mentira,
desses antros da Gula, Orgulho e Ira,
e lhes profunda as causas e as origens,
levantando do chão seus olhos virgens
e tristes, gravemente, assim lhes falla:
—«Seja o primeiro, aqui, a apedreja-la
quem se ache puro e livre de pecado!»—

E de novo, o Rabi, lento e calado,
tranquilamente, escreve sobre a areia.

Mas assim como emigra uma colmeia
de abelhas, pouco a ponco, do cortiço,
demandando outros sois, buscando o viço
de outras rosas debaixo de outros céus,
assim vão desertando os Fariseus,
a dous, e tres, em grupos, em magotes:
os Principes, Escribas, Sacerdotes,
Anciãos, e Pontifices, Doutores.

—«Mulher! onde é que estão teus detractores?»
brada o Rabi, por fim, não vendo alguem.

—«Rabi, não me condena mais ninguem!
Nem Escriba, Ancião, nem Fariseu!»

—«Ninguem? diz o Rabi. Pois bem. Nem eu».

—«Permite, pois, que regue com meu pranto
tuas plantas, Rabi bondoso e santo!
e beije, humilde, a ourela aos teus vestidos».

—«Mas, mau grado, ó mulher! os teus gemidos,
que proveito e lição tiras do dia ?»

—«Que ninguem deve expôr-se á gemonia
de pecar, por um goso passageiro!»

—«Pois bem. Mas quem dirá ao Povo inteiro
que tu, alucinada, novamente
não volvas, mais ousada e impenitente
a excitar, contra ti, seus alaridos ?»

—«Meus soluços, Rabi! os meus gemidos»

—Mas quem dirá á Egreja e aos Fariseus
que não tornas, Mulher! contra teu Deus,
mais rebelde, a pecar, presa do Inferno?»

—«Meu remorso, ó Rabi! profundo e eterno».

—«Mas que prova, penhor, ou garantia
dás tu, Mulher! á Lei de que, outro dia,
esquecida desta hora atribulada,
não serás, cruelmente, apedrejada,
por outro crime vil, infame e imundo?»

—«O meu tédio e rancor, Rabi! ao mundo».

—«Mas quem te deu tão rapida aversão
assim ao Mundo e á Carne?»
—«O teu perdão!»

—«Quem te mudou?»
—«A tua acção tão boa!»

—«Vai, pois. Não peques mais. Chora e perdôa».

A SAMARITANA

O sol roxeia o céu. — É no poente.

O Rabi vem andando lentamente,
mordido da poeira das estradas,
olhando as roxas nuvens desgrenhadas,
meditando na Lei, na paz eterna.

Nisto senta-se ao pé de uma cisterna,
que está junto a Sicar em Samaria,
e eis que chega, á mesma hora, ao fim do dia.
com o ritmico andar de uma Romana,
uma esbelta mulher Samaritana,
de um biblico perfil firme e triguéiro.

—«Mulher! diz-lhe o Rabi, ao caminheiro
que vem de uma jornada amarga e dura,
nada o refresca mais do que a agua pura,
que lhe minora a calma, a sêde, a magoa.
Dá-me, pois, de beber, Mulher! dessa agua,
pois venho quebrantado dos trabalhos
da jornada, entre montes, entre atalhos
cobertos de urze e de tojal silvestre».

Mas a Mulher, então, replíca ao Mestre:

—«Senhor! como é que tu, que és um hebreu,
não recusas, com uma tal como eu,
que sou uma mulher Samaritana,
de falar e beber da mão profana
a agua que aqui jaz nesta cisterna?»

—«Eu sou, torna o Rabi, a agua eterna.
Sou a linfa corrente da Verdade,
que corre sem cessar da Eternidade,
de uma nascente augusta e inesaurivel.
Sou a agua da Força, em que, impassivel,
vem beber a Justiça intemerata.
Sou o veio ideal de branca prata,
em que bebem os Céus, os Bons, os Castos.

—«Beberei dessa agua até de rastos.
Mas, não tendo tu vaso, como queres
tira-la da cisterna onde as mulheres
das terras de Sicar usam tira-la?»

—«Se tu soubesses quem contigo fala,
pedir-me-ias desta agua eterna e forte!»

—«Deixa que eu beba dela até á Morte.
Mas acaso, Senhor! és mais potente,
e maior que Jacó, nosso ascendente,
que a cisterna nos deu, ó como legado,
e até dela bebeu, mais o seu gado,
mais os seus filhos, no calor da sésta?»

—«Quem beber da minha agua não lhe resta
jámais sêde, Mulher, na vida eterna.
Mas quem agua colher desta cisterna,
voltará a ter sêde e a beber mais».

—«Não provaram dessa agua os nossos Pais.
Mas dá-me dela tu, por Jeová!»

—«Vai. Chama a teu marido. E, após, vem cá».

—«Eu não tenho marido!»

—«Bem disseste.

Porque cinco maridos já tiveste.

E este, que agora tens, não te pertence».

—«Oh — por mais que cogite, estude, pense,

conheço que és Profeta! E as profecias

falam, todas, na vinda de um Messias,

que almejam nossos Pais, as nossas mães.

—«Mulher! — diz-lhe o Rabi — aqui o tens».

O Pretor mostra á Plebe, ensanguentado,
O Rabi — dos espinhos que o consomem —
e amostrando-o assim, tragico e açoutado
ante o Povo judeu, grita: «*Eis o homem!*

— «Herodes não lhe achou nenhum delito,
torna o Pretor. Portanto, se te apraz,
solta-lo-ei na Pascoa, como é rito.»
— Mas a Plebe clamou: «Não! Barrabás!»

— «Barrabás é um livido homicida
sedicioso, bulhento, malfeitor.
Este é o vosso Rabi! e leva a vida
meditando em seus céus» — volve o Pretor.

Mas, de novo, a Ralé e os Anciãos,
para quem o Rabi foi como um raio
e um genio de Revolta, erguendo as mãos,
ululam ao Pretor — *Crucificai-o!*

«Dai-lhe por manto o sangue em borbotões!
Como soldados, os bastões e os paus!
Por archeiros, mandai-lhe dois ladrões!
E, por trono, o Calvario e os seus degraus!»

Então, de fronte calma e sossegada,
no meio da anciedade e do c'amor,
numa taça real, de ouro, lavrada,
— lava as mãos, ante o Publico, o Pretor.

NAS RUAS DE JERUSALEM

VAI passando Jesus, sob o madeiro,
funebre, em sangue, em meio das legiões.
Segue atraz, blasfemando, o povo inteiro,
Simeão Cireneu e os dois ladrões.

Sustendo a aflita Mãe, morta de pena,
desgrenhadas judias vão a pé.
Torcem de dôr os braços Madalena,
Maria de Cleófas, Salomé.

— «Matronas de Israel! não me choreis,
diz, plácido, o Rabí, com debil voz.
Vossos filhos chorai antes, Raqueis!
Grita por ti, Sião! Chorai por vós!

«Vertei por vós as lagrimas profundas,
pois nestas ruas ouvireis gritar:
«— Felizes as estereis e infecundas!
mais os peitos sem leite que mamar!...»

«Chora antes, Ramá, tuas ruinas!
O virgens de Israel! chorai por vós,
porque, em breve, direis a estas colinas:
— «Caí, rochas, outeiros, sobre nós!»

Assim clama o Rabí. — Mas um desgosto
varou o Povo então, que ia em magote.
É que a Plebe sentiu queimar-lhe o rosto
— o sangue que vendera o Kariot!

A INSCRIÇÃO DE MORTE

Mau grado aos Anciãos e aos Fariseus,
o Pretor sobre a cruz escreve assim:
«JESUS DE NAZARÉT, REI DOS JUDEUS»
— Ora isto em grego, hebraico, e no latim.

Dispersas pelo pó, o Olvido some
estas tres linguas mortas dos imperios!
enquanto que floresce, eterno, o nome
desse virgem Jesus com os olhos sérios.

NO CALVARIO

Maria, com seus olhos magoados,
céus espirituais, lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, enquanto
ria ao pé um dos tres Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dôr no casto manto.
Uma mulher de Henon chorava a um canto.
Jogavam sobre a tunica os soldados.

Marta, os pingos de sangue, alva açucena,
dir-se-ia no bom seio recolhe-los.
Alguns riam, brutais, daquela pena.

Salomé tinha um mar nos olhos belos.
João fitava a Cruz — Mas Madalena
limpava a Cristo os pés com seus cabelos.

A ESPONJA DE FEL

Em frente da agonia do Rabi,
vão meneando a fronte os Anciãos,
com chascos, com desdens, erguendo as mãos:
— «Salvou os mais, e não se salva a si!»

O Mau Ladrão o mofa. Os legionarios,
sentinelas romanas, Sacerdotes,
todos sobem o monte e vis dichotes
lançam ao Rei dos virgens solitarios.

Contemplando, da Cruz, Jerusalem,
os céus, o mar, com olhos já sem brilho,
o Rabí diz a João: «Eis tua Mãe!»
E diz á Mãe: — «Mulher! eis o teu filho!»

Mas tem sêde o Rabi. Um, mais cruel,
uma esponja em caniço ponteagudo
toda em fel ensopou. — Ora, este fel
amarga mais ao Mestre do que tudo.

— E' que esses homens de paixões, de vicios,
em todo o fel da inveja, contra os sabios,
inundaram a esponja dos suplicios.
— E o Rabí nesse fel molhou os labios!

O ROUXINOL DO CALVARIO

NA noite que passou
o Cristo, no Calvario,
um rouxinol cantou
sobre a Cruz, solitario.

Os trigueiros soldados,
e os lirios de Salem,
perguntavam pasmados:
— Que voz canta tão bem?

Como sentindo os males
das suas proprias penas,
vergavam-se nos cáliz,
chorando, as açucenas.

Choravam os caminhos,
os dados, os cilicios,
a grinalda de espinhos,
e a esponja dos suplicios.

Choravam os sem luz,
e os rijos peitos bravos.
Começavam na cruz
a vacilar os cravos.

Pelo tranquilo espaço,
paravam as estrelas,
e o vagaroso passo
as mudas sentinelas.

Os peitos desúmânos
resentiam mudanças.
Deixavam os romanos
escorregar as lanças.

Assim cantou.. cantou...
lembrando o Amor, o Céu.
Quando Jesus morreu,
do lenho, enfim, voou!...

TREVAS

Rasgou-se o véu do Templo de alto a baixo,
Cortou o vento o ar como um açoite.
Rugiram os leões, e o eterno facho
do dia se eclipsou. — E fez-se a Noite.

Fenderam-se os rochedos, com ruidos.
Um singular terror gelou os ossos
dos legionarios tragicos, vencidos
da confusão, do espanto, e dos destroços.

O morto surge e mais o seu sudario,
trazendo o assombro do final segredo.
O povo da Judea do santuario
foi-se esconder na treva — e teve medo.

As violetas murcharam sobre a haste.
E uma voz singular, lúgubre, estranha,
soluçou pela tragica montanha:
— «*Meu Pai! Meu Pai! porque me abandonaste?*»

O ULTIMO GOLPE DE LANÇA

QUANDO ele enfim morrendo, ele, o cordeiro,
rola mansa no ar calado e imundo,
pendeu, bem como um lirio moribundo,
sobre a haste do tragico madeiro...

quando, lançando o espirito profundo,
ao reino belo, grande, verdadeiro,
caiu enfim chagado, justiceiro,
ainda, ainda perdoando ao mundo...

um soldado romano vendo-o exposto,
e já morto na Cruz, livido o rosto,
com um golpe de lança o trespassou.

Saiu daquela chaga sangue e agua:
--Sangue que inda quís dar a tanta mágoa.
— Agua do pranto ainda que chorou.

JOSÉ DE ARIMATÉA

ASSIM que se espalhou pela Judéa
ter morrido o Rabi, ás mãos de ingratos,
correu logo José de Arimatéa
pedir o seu cadaver a Pilatos.

Envolveu o seu corpo combalído
num lençol de uma teia delicada,
e lançou-o depois de o haver ungído,
numa tumba, no Gólgota lavrada.

Trouxe aloés e o balsamo mais fino,
com que lhe ungiu a carne já transída.
Tres vezes, pois, seu corpo cristalino
foi ungido de balsamos na vida!

Uma foi no Presepio, nessa scena
que do frio e nudez tocava o cúmulo.
Outra em Betânia, ás mãos de Madalena.
E a terceira e a final sobre o seu tumulo!

SURREXIT, NON EST HIC

(Resuscitou. Não está aqui)

Inda é alta manhã. Eis Madalena
vem ao esquife do Cristo para orar.
Mas não acha o Rabi, e então, de pena,
dá largas a um funebre chorar.

Eis dois homens de veste resplendente
lhe dizem: «Quem buscais?» — «Busco a Rabi!»
— Cristo, filho do Deus, Uno e vivente,
resuscitou, mulher! Não está aqui!»

Madalena olha atrás. Eis vê surgido
Jesus, aos pés caídos os lençois,
tendo um lume no olhar desconhecido,
tendo na fronte a radiação dos sóis.

Era o Cristo do esquife levantado!
Era o Rei dos humildes, dos escravos,
trespassadas as mãos inda dos cravos,
aberta a chaga do direito lado!

E' Cristo, embalsamado de aloés
trazendo ainda as chagas lancinantes!
Madalena, com prantos triunfantes,
de goso inunda seus chagados pés.

«Ide, diz-lhe o Rabi—bradai aos meus
que me viste do esquife resurgido,
que vou reinar nos estrelados céus,
que sou o *Rei dos Mortos*, não vencido!

Dize-lhe que escutaste c Cristo forte,
de quem o pó dos pés são sóis eternos,
que lutei, corpo a corpo, com a Morte,
e vou julgar as Trevas e os Infernos!

A espalhar pelos Doze a boa nova
Madalena correu, cheia de fé.
Todos crêram, chorando. Eis que Tomé
bradou que só creria vendo a prova.

Mas então, quando a nova, em voz soturna,
se espalhou de Sião até Betlem,
soprando a sua lampada nocturna,
— na treva se escondeu Jerusalem,

APENDICE POETICO

A FILHA DE JAIRO

O Mestre sobre a barca arenga ás massas.

Escutam-no os Hebreus de varias raças,
sobre os montes a pique e nos relvados,
extaticos, atonitos, calados,
na outra margem do lago ao pé do rio.
— firmes, de pé, ao sol, ao vento, ao frio.

Seu olhar, ora é mudo, ora interroga.
Nisto certo varão, Chefe da Sinagoga,
por nome Jairo, homem de sãos conselhos,
chega ao Rabi e beija-lhe os joelhos.
— «Dize, a que vens?»

Diz gravemente o Mestre.

«Rabi — geme ele — o meu falar silvestre
não te póde esboçar nem dar a ideia
da angustia atroz de que minha alma é cheia!...
Tenho uma filha tenra e tamanina,
tão mimalha e gentil, mas tão franzina,
com tal fragil viçor, tão róseo brilho
como um clarão da Aurora num junquilho.

Se solta um ai — minha alma está de bruços!
Se adoece — todo eu rompo em soluços!
Pois bem, Rabi, a minha filha expira!
Toda a gente, que a adora e que a admira,
á minha porta está a lastima-la!
Tudo a chora, Rabi!... Vem tu salva-la,
— pois mal a toques pôr-se-ha em pé!»

Surprêso o Mestre, então, de tanta fé,
parte com Jairo, os Doze, os Fariseus,
Escribas, Anciãos, todos os seus,
Pedro, João, Tiago, o Iscariotes,
mais toda a plebe, em grupos e magotes.

Nisto, certa mulher magra, e doente
de um fluxo de sangue impertinente,

por detrás toca-lhe a aba do vestido,
dizendo a sós com ela, em tom sumido:
«—Se o consigo tocar fico curada!»

E assim foi: pois sentiu-se aliviada,
logo ali do seu mal em continente.
Mas o Mestre voltou-se de repente
com a vista sondando tudo em roda,
e pergunta, encarando a turba toda:
«Quem é que a minha tunica ha tocado?...»

Um dos Doze, porém, que estava ao lado,
ao Rabi torna: Santo Mestre, aqui
tudo em massa se impele e agarra a ti;
porque perguntas pois: «Quem me ha tocado?»

Mas Ele continuava a olhar calado.
E enfiada a mulher áquele olhar agudo,
aos pés lhe cái, soluça, narra tudo.
O Mestre, olhando-a então, piedoso e grave
lhe diz com essa voz que é mais suave.
que o Lis de Jericó e a estrela d'alva:
«— Estás sã, minha filha! A fé te salva!»

Discursava ainda assim desta maneira,
quando de Jairo os servos, em carreira,
lhe clamam: «Deixa em paz o bom Rabi,
A tua filha é morta.» E um grita: «Eu vi!»
O olhar do pobre Pai soluça e roga.
Jesus lhe diz: Chefe da Sinagoga!
Que isto não te acobarde, honrado amigo!
— Continúa a ter fé, e vem comigo.

Em seguida ele proíbe á turba uivante
que caminhe com ele mais adiante,
e o mesmo diz aos que eram junto ao lago,
— excepto a Jairo, João, Pedro, Tiago.

Chegados finalmente á moradia,
eis se escuta uma estranha vozearia
dos visinhos postados junto á porta,
em gritos, ais, soluços, pela morta.

O Rabi entra enfim e diz ás gentes:
«—Porque são tantos gritos estridentes,
tantos gemidos, ais, tal desesp'rança?...
A joven não morreu. Dorme, descança.»

Ouvindo isto, cem bocas depravadas
desataram a rir ás casquinadas.

Ha mil insectos maus assim na Terra.
Jesus fa-los sair, a porta cerra,
penetra pela alcova da finada,
mais os pais e a familia desolada,
e diz, tomando a mão da pequenina:
«— Eu to ordeno! Levanta-te, menina!»

E eis logo a irmã gentil das acuçenas,
roseo botão, com doze annos apenas...
pela mão do Rabi se ergue e caminha,
como ensaia seu vôo uma andorinha.

Quem poderá contar o riso e o pranto
dos pais, de todos, seu suave espanto?...

Como quem vai do inferno ao Paraiso,
e fica tão gostoso e enternecido,
ora a rir e a chorar, quasi sem siso,

extasiada a face, a alma, o olhar,
igual quadro se viu bem parecido,
bem comovente, terno, singular!

Quem ha pouco chorava, abriu-se em riso.
Quem ria do Rabi... pôz-se a chorar.

INEDITOS

O SONETO A' VIRGEM, DE ROCHEFORT,

Tradução do francês

A ti, que aos pés quebraste a maldição priméva,
e entre humildes plebeus foste o sol no esplendor,
mais por teu coração que pelo teu diadéma,
e sempre casta és Mãe, sempre vírgem Amor.

Rezo ao teu coração, teu coração me algéma!
Por que ganhaste bem o teu trono de honor,
por que choraste muito e a Lagrima te eléva,
por que um Deus fês te mãe, mas rainha a tua dôr.

Agora estás ao pé do Ser Resplandecente.
De rastos o mortal te invoca, ó Mãe clemente.
Teu diadema é de oiro e de rosas nevadas.

Tudo a ti ergue as mãos, ó transcendente bem!
Tudo implora os teus dons. Mas que mulher, que mãe,
te invejará a dôr das tuas *Sete Espadas?*...

A MAIOR DOR HUMANA

Soneto á Virgem

Ó Virgem! eu vi Job leproso em seu lameiro,
torcido qual carvalho a que o tufão arraste,
exclamar na aflição: Maldito o homem primeiro!
— Maldito o ventre, ó Mãe, em que tu me geraste!

O' Virgem! eu vi Cristo amarrado ao madeiro,
como o branco marfim ou lirio rôxo na haste,
suspirar num sol pôr magoádo e derradeiro:
— O' meu Deus! O' meu Deus! porque me abandonaste?

O' Virgem, vi Raquel chorando os filhos mortos,
errante, esguedelhada, olhos doidos, absórtos,
pelas serras á lua, encher Judéa de ais.

Mas vi-te, ó Mãe, depois ao teu morto estreitada,
branca, sem côr, sem voz, feita em pedra, pasmáda,
e a soluçar uivei:— *Tu é que sofres mais!*

O ANJO DAS LAGRIMAS

—

Vi um Anjo todo em lagrimas
da côr das neves polares,
junto do trono do Altissimo,
soltando ais e gemidos
com grandes gestos sentidos
e desmanchados nos ares.
Loiros cabelos caídos
roçavam seus calcanhares...

E aquele Arcanjo branquíssimo
da côr da neve dos lagos,
tinha um sorriso tristíssimo
como um amor sem afagos,
e as criancinhas que morrem
com doces sorrisos vagos...

Perguntei: Quem é este anjo
côr de um lirio que fenéce,
á mingua d'agua corrente,
ou a lua em seu poente
quando a alva a empalidéce?...

E disseram-me: E' a Virgem
que é mãe da Magoa e das Dores,
e chora os lutuosos males
dos tristes que andam nos vales,
dos prantos e os máus suores,
dos lutos e os dissabores!...

E eu disse então soluçando
ao anjo dos olhos castos,
todo o meu peito arquejando,
e os meus cabelos de rastos
sobre a poeira do chão:
— Sublime Anjo Feminino!
o teu terno coração
é um cofre diamantino
cheio de um sangue divino,
como o Copo da Paixão.

O' Anjo triste dos céus
réza por mim ao meu Deus
que eu choro tambem aos teus
piedosos pés de giolhos,
feitos dois rios meus olhos
orvalhando a tua mão.
Tu és do Ideal a áza!
E's brasa que se fêz Lagrima!
— Lagrima feita perdão!...

DEDICATORIA

Ó doce Anjo da Esprança!
olhos do *Arco da Aliança*,
e as pombas dos meus beiraes!...
conforta sempre os meus hinos
com a tua aza fagueira,
como úsas aos pequeninos,
tão loiros e tamaninos,
érrantes pelos trigais,
sem terem eira, nem beira,
nem mimos de mães e pais...
Transforma em carmes divinos
meus roucos versos triviais!...

O CANTO DA ESPERANÇA

I

DEIXAI voar a andorinha,
que da alvorada ao raiar,
ruflando a asa escurinha,
vái novos climas buscar!

Quer no poente ou no levante,
precisa a alma de amar.
Bem basta os tristes que ficam
sem sol, sem ninho, sem par!...

II

Deixai que uma ave emigrante,
ancíosa por viajar,
vá noutro país distante,
numa palmeira arrulhar.

Deixái-a ir! — De ása leve,
que suba aos céus a cantar.
Bem basta os tristes que ficam,
sem sol, sem ninho, sem par!...

III

Deixái a Esprança a toda a hora,
correr nas nuvens, voar,
em busca do Ideal, embora
canse o peito, falte o ar.

Deixái-a ir. — Vái ao Cristo
pedir que a ensine a curar,
com meigas falas, os tristes,
sem sol, sem ninho, sem par!...

IV

Eis canta. — E ao seu canto terno,
—as campas saltam ao ar,
—rompe em soluços o Inferno,
—chóra e ri a alma do Mar.

Eis canta. — E o *Orfeu divino*
desce da Cruz a sangrar,
e enxuga os olhos dos tristes,
sem sol, sem ninho, sem par!...

V

Eis canta. — E os Quatro Evangelhos
brilham como uns sóes no ar,
tomba o Inferno de joelhos
as Furias põe-se a chorar.

Eis canta. — E essa voz macía,
perdão... amor... *Ave Maria*,
beijo de mãe... flauta... luar,
ergue ao Ceu todos os tristes,
sem sol, sem ninho, sem par!...

NOTAS

Nota (1) Pag. 10

O retrato que existe da Virgem, feito por S. Lucas, o pintor e Evangelista, que conheceu de perto a Mãe de Jesus, representa-a, ao contrario de Rafael e de outros pintores, com os traços do povo semitico, morena e de cabelos castanhos.

Nota (2) Pag. 55

Vulgarmente todas as traducções portuguesas da Biblia trazem *Iscariotes*; mas no rigor deve-se escrever Kariot, que é uma povoação da Judéa, na tribu de Efraim, ao Este de Samaria, donde era natural Judas.

Nota (3) Pag. 57

Rabi significa Mestre, em hebraico.

INDICE

A's mães 1
Prefacio 5
A Virgem de Galiléa 9
No presepio 13
Os pastores 17
Os reis magos 21
Fugida para o Egíto 27
Herodes 31
A infancia de Jesus 33
Entre os doutores da lei 35
As bodas de Canaã 39
O Baptista 41
O Baptismo de Jesus 45
A tentação no deserto 47
Na Galiléa 51
Os apostolos 55
O Rabi 57
Entrada em Jerusalem 63
As crianças 65
Madalena 67
A mulher adultera 71
A samaritana 77
Os samaritanos 81
A ceia 83

No jardim das oliveiras 87
Em casa de Caifás 91
Crucificai-o! 95
Nas ruas de Jerusalem 99
A inscrição da morte 101
No calvario 103
A esponja de fel 105
O rouxinol do Calvario 107
Trevas 109
O ultimo golpe de lança 111
José de Arimatéa 113
Surrexit, non est hic 115
A filha de Jairo 121
O soneto á Virgem de Rochefort 129
A maior dôr humana 131
O anjo das lagrimas 133
Dedicatoria 137
O canto da esperança 139